

relato de experiência

A COMPETIÇÃO ESPORTIVA DA ESCOLA COMO CAMPO DE VIVÊNCIA DO EXERCÍCIO DA CIDADANIA PARTICIPATIVA: Projeto Político-Pedagógico em Construção

Gabriel Humberto Muñoz Palafox¹.

Patrícia do Prado, Ivane Aparecida de Assunção & Cleber Garcia Casagrande².

Equipe de Professores de Educação Física-ESEBA/UFU³.

INTRODUÇÃO

A finalidade deste trabalho é descrever, à luz de um processo reflexivo sobre a competição esportiva na escola, a implementação de uma proposta político-pedagógica para Educação Física no 1º grau, tomando como referência a valorização do trabalho coletivo entre os docentes envolvidos na experiência.

O local de desenvolvimento do projeto é na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (ESEBA-UFU), que conta com aproximadamente 1000 alunos matriculados e um quadro de sete professores de Educação Física que ministram aulas, desde a pré-escola até a oitava série do primeiro grau. Nesse contexto, cada série da escola é formada por uma média de quatro turmas de 28 alunos cada.

Em função do nível de conhecimento e experiência decorrente da formação profissional dos professores de Educação Física da ESEBA-UFU, verificamos que adquiriram visões e práticas pedagógicas diferenciadas. *A crise paradigmática da Educação Física, o questionamento ao modelo curricular fundamentado na aptidão física e na competição, a resistência aos mecanismos e os valores a elas associados*, são aspectos que repercutiram profundamente em sua interação sócio-profissional e na organização e concretização das atividades programadas para a Educação Física.

Dentre outros resultados, no ano de 1984 a competição esportiva foi suspensa do contexto escolar.

Posteriormente, a desmotivação apresentada pelos alunos para realizar as aulas de Educação Física, a chegada de novos docentes no início dos anos 90 e a incorporação da análise da área numa linha de pesquisa crítica a partir da literatura existente, a competição esportiva *voltou a ser discutida no âmbito do planejamento da escola* como uma das estratégias para superar o desinteresse dos alunos. Esta nova discussão surgiu num momento de profunda reflexão e autocrítica da interação social e prática docente da equipe, que reconhecia, naquele momento, que seriam capazes de construir um projeto político-pedagógico utilizando, em primeira instância, o mesmo referencial de sua própria formação.

Durante este processo, a equipe compreendeu que a competição esportiva deveria ser precedida por uma série de atividades de caráter reflexivo junto aos alunos de terceira a oitava série, procurando promover o evento dentro de um espaço pedagógico de formação para a cidadania, na tentativa de contribuir para superação de representações sociais relacionadas à procura da performance física, valorização dos mais aptos em detrimento da maioria, vitória a qualquer custo e o reforço do individualismo. Aspectos estes que, dentre outros, contribuem com a formação de consciências e práticas cotidianas necessárias para

¹ Mestre em Educação: Supervisão e Currículo pela PUC-SP. Membro pesquisador do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. membro do Núcleo de Estudos em Planejamento e Metodologia do Ensino da Cultura Corporal (NEPECC) e Docente do Departamento de Educação Física e Esportes da Universidade Federal de Uberlândia.

² Discentes do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia. Bolsistas do PIBIC-CNPq.

³ Professores: Edilamar Rezende; Edson Lúcio Kozan; Eliane Vieira Andrade, Elizabet R. Faria; Francisco E. Ferreira; Leandro Rezende e Maria de Jesus Mendonça.

reproduzir a lógica do perverso modelo capitalista de sociedade. (CASTELLANI FILHO, 1991; CAVALCANTI, 1984; DIECKERT et. al, 1985; GRUPO UFPe-UFSM, 1991; HILDEBRANT, 1986; SOBRAL, 1993; PALAFOX, 1993).

Desta forma, chegou-se a conclusão que a experiência precisava ser reforçada com um estudo sistemático de pesquisa, capaz de subsidiar a avaliação do processo desencadeado e fornecer informações necessárias para poder aprimorar o projeto político-pedagógico⁴ em andamento. Isto, considerando que o corpo docente já tinha consciência coletiva de que a ação pedagógica que procura fundamentar-se na análise de seu próprio cotidiano representa, hoje, um dos importantes caminhos para a construção de "conhecimento científico tão necessário e urgente, sobre uma área ainda tão desguarnecida de resultados de pesquisa" (LÜDKE, 1994, p.19).

Em primeira instância, depois de realizar um diagnóstico sobre o conhecimento da categoria Competição, a equipe definiu os objetivos do trabalho que seria desenvolvido:

1. Discutir as bases científicas que procuram explicar a origem, sentido e significado da competição (e da competição esportiva) e seus respectivos mecanismos de organização social, considerando que esta faz parte do universo ou sistema de representações sociais cotidianas, onde se reproduzem e/ou modificam as condições objetivas de vida social e se constrói a consciência dos homens;⁵
2. Subsidiar o aprofundamento teórico-prático do sentido e significado da competição, enquanto elemento motivador da prática da Educação Física escolar;
3. Analisar e avaliar o impacto político-pedagógico de uma experiência cotidiana de competição esportiva na escola, resultante de uma ação participativa entre os professores de Educação Física e a comunidade discente envolvida;
4. Apresentar fundamentação político-pedagógica para a construção de competições esportivas na escola considerando estas como um espaço de participação e resolução de problemas por

parte dos alunos, capaz de contribuir com uma formação autônoma, criativa e solidária, necessária para o exercício de uma cidadania crítica e construtiva.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

A orientação do trabalho da equipe, foi fundamentada, em duas bases de sustentação:

- A proposta de Planejamento Coletivo do Trabalho Pedagógico (PCTP/EF) que nos encontramos desenvolvendo desde 1991 e sob a qual assessoramos a construção de projetos político-pedagógicos, a luz do Materialismo Dialético e as Teorias Críticas do Currículo;
- a Pesquisa Participante, (BRANDÃO, 1985; GOHN, 1984).

O PCTP/EF vem acontecendo, em caráter permanente na ESEBA/UFU, através de reuniões semanais com intenção de construir coletivamente o projeto político-pedagógico da Educação Física, respeitando-se o que denominamos como *ciclos de apropriação e utilização do conhecimento filosófico e científico do professor*, de acordo com o estudo, pesquisa, reflexão e experiência acumulada. Isto, tomando como referência o princípio básico da dialética que consiste em ir constantemente **da prática ao conhecimento e do conhecimento à prática**, para poder modificar e aperfeiçoar, em função dos nossos objetivos, consciência e realidade educacional.

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO: Implementação, Resultados e Discussão

Depois de elaborar os objetivos do projeto, a equipe passou a discutir os princípios ético-políticos que dariam diretriz ao trabalho pedagógico. A conclusão foi que, para dar continuidade a suas atividades de forma integrada, crítica e comunicativa, deveria ser procurado:

⁴ "Um projeto político-pedagógico representa uma intenção, ação deliberada, estratégia. É político porque expressa uma intervenção em determinada direção e é pedagógico porque realiza uma reflexão sobre a ação dos homens na realidade explicando suas determinações" (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 25).

⁵ Devido a amplitude e importância do tema, este objetivo foi tratado numa pesquisa desenvolvida especificamente para tal fim, sob o título "Introdução a Ontologia da Competição".

- redescobrir a importância de buscar referenciais teóricos que, de acordo com uma leitura crítica de nossa realidade fossem capazes de ajudar-nos a interpretar e fazer melhor nossas ações cotidianas;
- conhecer melhor, a partir de diferentes fontes de análise científica e filosófica, aquilo que fazemos cotidianamente;
- reconhecer como a totalidade condensada da realidade social influencia na construção de nossas representações sociais, ao grau de configurar-se a visão de que somos incapazes, com suas respectivas implicações práticas, de transformar o mundo que nos rodeia, de acordo com nossos verdadeiros ideais;
- compreender que toda mudança social é lenta porque passa, simultaneamente, pela transformação de nossas consciências na busca de práticas individuais e sociais que contribuam efetivamente para a concretização de princípios pedagógicos, objetivos e metas que procuramos alcançar;
- aprender, de fato, a respeitar na prática as limitações, interesses e potencialidades individuais e acreditar na possibilidade de que todo ser humano, quando encontra condições adequadas para seu desenvolvimento, é capaz de modificar-se e superar-se para contribuir democraticamente na execução de projetos de impacto social;
- valorizar o planejamento do trabalho coletivo, respeitando o “saber” e o conhecimento adquirido até o momento para elaboração de nossos projetos educativos;
- resgatar a importância da avaliação crítica e qualitativa da realidade e de nossas experiências cotidianas no campo pedagógico através do diálogo e do debate, com a finalidade de “desvendar” causas e/ou dificuldades geradoras de problemas para aprimorar adequadamente nosso projeto pedagógico a caminho dos objetivos e metas que foram traçados pela equipe de trabalho.

⁶ Numa perspectiva tradicional, pessoas que estudam a questão da competição no processo evolutivo do ser humano, consideram que esta é um ato “natural”, “hereditário”, de caráter instintivo. Para apoiar essas teses, utilizam-se argumentos relacionados com a necessidade de sobrevivência dos mais aptos e as noções de agressividade e destruição associadas ao homem primitivo. Entretanto, estudos realizados com abordagens qualitativas de pesquisa, além de refutar essas teses (FROMM, 1973; NANCE, 1975; MEAD, 1961) vem demonstrando que as interpretações deduzidas das descobertas realizadas em torno da evolução da espécie humana e das práticas competitivas, tem sido muito utilizadas para elaborar teorias explicativas sobre o “sentido moral da vida” (BLANC, 1994) com o intuito de justificar ideologicamente através destas, o porque da implementação de normas “éticas” e ações estatais para manutenção e legitimação das ordens sociais.

Contudo, no momento de construção desses princípios, o grupo tomou consciência de que, uma vez que as representações sociais, costumes, crenças, atitudes e práticas sociais e individuais não expressam diretamente o comportamento social (embora sejam elas mesmas, regras de comportamento) e de que, no fundo, estas procuram atualizar e reforçar uma estrutura de pensamento para a qual o ser humano deve cotidianamente ser submetido (RODRIGUES, 1983), a Cultura Corporal e as “dicas científicas” a ela associadas, também portam em si, disfarçadamente, teorias sobre o mundo e a sociedade e, quando a esta nos submetemos, muitas vezes não temos clara consciência de estarmos entrando em contato com a totalidade condensada da estrutura social⁶.

Por isso, dentre outros motivos, entendemos que a dialética deva ser um dos principais elementos de aprimoramento constante para, procurar minimizar o impacto ideológico da cultura dominante nas nossas práticas educacionais.

Com esse referencial, a equipe, decidiu implementar os **I Jogos Internos da ESEBA/UFU** que seriam realizados em setembro de 1993, entendendo que esta experiência seria assumida como um *campo de vivência pedagógica* sujeita a *avaliação* permanente, onde os alunos participariam do processo de reflexão, organização e execução do referido evento, para fomentar, além das habilidades esportivas, a prática da autonomia, da cooperação e da solidariedade (PALAFOX, 1995).

O terceiro momento do PCTP/EF foi identificar o(s) problema(s) subjacente(s) ao trabalho pedagógico em desenvolvimento. Depois de estudar o significado do termo e discutir em torno dele, foi descoberto que, o **problema** da equipe era: visualizar, elaborar e concretizar um projeto pedagógico de caráter contra-hegemônico, que fosse capaz de incluir a competição esportiva dentro de um espaço pedagógico que, além de minimizar os valores negativos a ela associados, pudesse contribuir com a implementação dos seguintes objetivos específicos:

- Os jogos internos da ESEBA-UFU, tem como finalidade oportunizar ao aluno a vivência de sua participação na construção e determinação dos conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física, em situação de competição.
- Promover a integração dos alunos da ESEBA-UFU através da prática de competições esportivas e recreativas, bem como um maior relacionamento interpessoal junto aos professores de Educação Física e as equipes de organização e arbitragem.
- Propiciar espaços para reflexão e debate sobre questões fundamentais referentes aos princípios éticos dos jogos tais como: respeito, participação, interesse, companheirismo, amizade, responsabilidade e solidariedade, bem como a construção de regras para convívio coletivo.

A seguir, foram destacadas e hierarquizadas as principais **dificuldades** ou **empecilhos** que, para os professores, estariam provocando o problema:

- prática individualista e desconhecimento sobre elementos que favoreçam a construção de projetos coletivos;
- desmotivação para leitura e estudo, em decorrência da dificuldade, dentre outras, para resolver o problema detectado;
- dificuldade para vincular a teoria da Educação Física com a realidade concreta;
- desconhecimento das Teorias Críticas de Currículo;
- formação profissional pautada numa vertente tradicional;
- insuficiência de pensamento dialético;

Depois de verificar que alguns destes empecilhos somente poderiam ser alcançados a médio ou longo prazo, foi proposto a elaboração de **REGRAS DA PRÁTICA DOCENTE** (QUADRO 1) que seriam utilizadas para vencer dificuldades de curto prazo (itens 1 a 3).⁷

⁷ Em função desta dinâmica, a equipe de professores chegou a conclusão dessa fase com a seguinte frase: "Não basta dizer o que somos, devemos procurar demonstrar praticamente (na ação), aquilo que procuramos ser...".

⁸ Considerando as limitações conjunturais e estruturais impostas, para esta primeira competição, ficou claro que o projeto deveria contemplar todo o processo de organização do evento, considerando que os jogos, em si, seriam uma das consequências pedagógicas do trabalho pedagógico desenvolvido.

QUADRO 1 - Regras da prática docente estabelecidas entre os professores da equipe para minimizar dificuldades de interação e comunicação grupal.

INDICADOR	SIGNIFICADO
Busca de consenso/unidade	respeito e análise das diferenças para ajudar a superar coletivamente os problemas.
Coerência	aplicação de princípios coerentes em todos os níveis de nossa vida.
Vigilância	tomada de consciência de nosso comportamento considerando os outros.
Atenção	cautela nas atividades mais elementares.
Saber ouvir	percepção e reflexão antes de agir e/ou responder.

O ponto seguinte, foi estabelecer os caminhos que desencadeariam o processo pedagógico frente os estudantes. Para tanto, a equipe decidiu elaborar o regulamento básico dos Jogos Internos e apresentá-lo em cada turma, convidando os alunos a organizarem-se para formar suas equipes, de acordo com as seguintes considerações:

- Devido a existência de alto índice de desmotivação para a prática da aula de Educação Física, a participação dos alunos deveria ser obrigatória;
- com a finalidade de minimizar a participação e domínio das "estrelas" de cada turma, os alunos somente poderiam participar no máximo, em duas modalidades;
- pensando na valorização do "esforço coletivo" a premiação do evento seria por sala de aula, através dos pontos alcançados por cada participante e as equipes da turma em diferentes modalidades.

A competição foi organizada por níveis de escolaridade entre os alunos de primeira à oitava série, com duração de uma semana durante os horários de aula e um sistema de eliminatória simples⁸.

Dentre as modalidades escolhidas pelos professores, encontramos o futebol, a carimbada, uma gincana, atletismo, basquete e peteca, dentre outras.

Depois de que os jogos aconteceram, a equipe passou a realizar a **Avaliação do evento**.

A estratégia utilizada foi conhecer a opinião dos alunos participantes de quinta à oitava série, através de um questionário semi-aberto onde seriam registrados os aspectos positivos e negativos das seguintes questões: 1. **ORGANIZAÇÃO** (forma como foi organizada a competição); 2. **EXECUÇÃO** (forma como a competição se desenvolveu); 3. **PREMIAÇÃO** (forma de distribuição da premiação); 4. **PARTICIPAÇÃO** (alunos, professores, árbitros e auxiliares) e 5. **SUGESTÕES** (para os próximos jogos internos).

A ficha de avaliação foi aplicada a um total de 346 alunos (TABELA 1).

TABELA 1 - Quadro geral de questionários respondidos pelos alunos de 5ª a 8ª séries da ESEBA/UFU.

ALUNOS	5ª SÉRIE	6ª SÉRIE	7ª SÉRIE	8ª SÉRIE	TOTAL
masculino	25	33	17	07	82
feminino	12	33	23	01	69
s/identificação	25	67	51	51	194
não respondido	-	01	-	-	01
Total	62	134	91	59	346

Para análise e tabulação dos resultados, utilizamos como referência as palavras chaves contidas nas questões da ficha de avaliação e, independentemente dos aspectos positivos ou negativos colocados, verificamos a presença de dois tipos de respostas por parte dos alunos: a) críticas consideradas relevantes; b) emissão de juízos de valor. (Ex: bom, ruim, etc.).

No caso do ponto "a", em virtude do tipo de interpretação dada a cada item, observamos muitas respostas que poderiam ter se enquadrado melhor em outras questões da ficha de avaliação. Ex.: Item 1: ORGANIZAÇÃO. Resposta: colaboração dos professores (aspecto positivo). Neste caso podemos observar que o tipo de resposta emitida, pertence na realidade, a outra questão referente ao item 4: PARTICIPAÇÃO.

Para definir o perfil avaliativo da competição, a tabulação dos dados foi organizada através da classificação das respostas em torno das palavras-chave de cada pergunta do questionário e sua respectiva conversão em frequência relativa (f%). Posteriormente identificamos os dados coletados considerando significativos aqueles que apresentaram, no mínimo, 2,00% nas suas frequências relativas.

A interpretação estatística foi processada com o teste QUI-QUADRADO para proporções esperadas iguais, com a finalidade de verificar se as diferenças entre os polos positivo e negativo, foram ou não, estatisticamente significativos (TABELA 2).

TABELA 2 - Teste QUI-QUADRADO para indicadores significativos que apresentaram resultados similares em ambos os sentidos (positivo e negativo).

ORGANIZAÇÃO

ASPECTO POSITIVO	(f+)	ASPECTO NEGATIVO	(f-)	(f+)+(f-)	X ²	SIG.(*)
Arbitragem e arbitragem de fora	71	Arbitragem	181	252	48.016	S
Organização geral	146	Organização geral	146	292	0	N
Eliminatória simples	09	Eliminatória simples	125	134	100.42	S
Tempo de jogo	02	Pouco tempo para jogar	58	60	52.267	S
Espaço físico adequado	04	Espaço físico inadequado	44	48	33.333	S
Participação obrigatória	12	Participação obrigatória	22	34	2.941	N
Regulamento da competição	08	Regulamento da competição	2	10	3.600	N

EXECUÇÃO

Jogos rápidos	2	Jogos demorados	1	3	0.333	N
Alunos jogaram bem	3	Falta de técnica dos alunos	1	4	1.000	N
Sem discussão/sem brigas	1	Agressão/Discussão	3	1	1.000	N

PREMIAÇÃO

Premiação por salas	8	Premiação por salas	226	234	203.09	S
Medalhas (2 itens)	15	Críticas às medalhas (3 itens)	5	20	5.00	N
Todos pagaram justo	4	Pagar premiação	1	5	1.80	N

PARTICIPAÇÃO

Participação de todos	73	Pouca participação de todos	11	94	45.762	S
Professores	60	Professores	39	99	10.000	S
Alunos	47	Alunos	48	95	0.011	N
União/Cooperação/Coletividade	34	Desunião	24	58	1.724	N
Participação de árbitros e auxiliares	33	Participação de árbitros e auxiliares	03	36	25.00	S
Apoio à torcida	03	Torcida	10	13	3.769	N

(*) p. 0,01 = 6,635

Pela análise da tabela, verificamos que: a) em termos de organização do evento, os alunos criticaram de forma significativa os aspectos relacionados com arbitragem, o sistema de competição por eliminatória simples, o tempo e o espaço físico destinado aos jogos; b) em relação ao item execução, destacamos o fato de que o ponto relativo a agressão/discussão, além de ser pouco citado, não diferiu estatisticamente quando comparado ao aspecto positivo; c) a premiação por salas foi criticada negativamente de forma significativa em detrimento da avaliação individual ou por equipes e; d) a valorização da participação de todos, incluindo os professores e dos árbitros e auxiliares na competição, foram aspectos estatisticamente relevantes para os alunos.

Com base nesta avaliação, a continuidade das reflexões e críticas sobre o sentido e significado da competição da escola, assim como das dificuldades apontadas a nível operacional, a equipe passou por uma nova fase de discussão para viabilizar os II

Jogos Internos que aconteceriam em julho de 1994, mantendo a frequência periódica de uma reunião de três horas e meia por semana para realização desse trabalho. Naquele momento já se contava com a participação do grupo de iniciação científica do DEEFE/UFU no projeto.

Devido ao fato de que, nos I Jogos Internos várias modalidades oferecidas não tinham sido desenvolvidas em aula por alguns dos professores, a equipe concluiu que os esportes praticados deveriam ser: a) comuns em todas as turmas para garantir efetiva participação dos alunos e; b) os espaços físicos e materiais disponíveis, adequadamente distribuídos para facilitar a organização interna do sistema de aulas ministradas pelos professores.

Com estas orientações, a equipe identificou aspectos organizacionais que deveriam ser modificados para racionalizar suas atividades e garantir maior aproveitamento dos espaços e recursos materiais disponíveis, facilitando, dentre outros:⁹ a) uma adequada distribuição dos conteúdos de aula

⁹ Ainda que pareça uma questão óbvia, pela existência de 2 ou mais professores numa escola e a falta de definição de regras adequadas para utilização democrática de espaços e materiais, muitas vezes se originam insatisfações que, longe de serem resolvidas, com o tempo se agravam e tornam tenso o clima de trabalho cotidiano.

para cada série; b) a promoção do ensino das modalidades propostas pelos alunos para os II Jogos Internos.

Como resultado, foram elaborados critérios que, além de alcançar os objetivos propostos, contribuíram muito na melhoria das relações interpessoais da equipe, pois a partir da procura de seguimento dos princípios da prática docente adotados, houve maior cuidado e respeito nas atividades individuais e coletivas realizadas.¹⁰

Como exemplo podemos citar o aspecto relativo à questão da redistribuição do espaço disponível na escola e a definição dos temas de aula. Neste ponto, a equipe decidiu quais seriam os melhores espaços físicos para ministrar determinados temas e quais os materiais disponíveis utilizados no local, para resolver, democraticamente, dificuldades, antigamente ocasionadas pela falta de definição coletiva de regras de organização interna.¹¹

Este trabalho foi concretizado com a construção de um quadro de distribuição dos espaços físicos que seriam utilizados mês a mês, para que os professores pudessem organizar os conteúdos que seriam ministrados durante o ano.

Com os resultados obtidos, além dos dados da **avaliação qualitativa** que a equipe realizou sobre o evento, o seguinte passo, foi **estabelecer novas regras básicas** para motivar a participação ativa dos estudantes, nos II Jogos Internos, dentro das finalidades pedagógicas propostas¹²:

1. *participação obrigatória* dos alunos na competição (jogar);
2. participação dos alunos na organização do evento, através de *representatividade eleita* pelos seus pares;

¹⁰ Para nós, enquanto orientadores do processo, foi fundamental constatar o interesse e vontade dos membros da equipe para alcançar resultados positivos na construção de seu projeto político-pedagógico.

¹¹ Nos depoimentos dos professores encontramos um que nos chamou muito a atenção. Eles verificaram que pela rotina que se vivia no cotidiano, quando alguém terminava de dar aula e o material era esquecido no local ou era devolvido de forma incompleta ao almoxarifado, por falta de organização não se sabia exatamente quem era a pessoa responsável pela ação. Posteriormente, com a sistemática implementada, todos os membros da Equipe passaram a saber quem estaria usando os referidos materiais. Em consequência, quando surgia alguma dificuldade relacionada, qualquer um podia registrar o fato num quadro localizado no mesmo almoxarifado alertando assim, sem tensão, ao responsável. Na prática verificamos que tais dificuldades foram diminuindo, pois, dentre outros aspectos, este tipo de situações deixaram de ser consideradas erros ou atitudes pessoais capazes de serem punidas ou criticadas destrutivamente.

¹² Promoção da solidariedade, cooperação e autonomia.

¹³ Quando questionados os professores sobre o porque da decisão tomada, concluíram que: a) Na verdade, na hora do planejamento foi dada prioridade aos outros períodos devido a que sentiam a existência de uma cobrança maior por parte do alunos mais velhos; b) Existia, de fato, certa dificuldade para tratar pedagógica e coletivamente questões relativas à competição com crianças mais novas (entre 6 e 8 anos de idade).

3. *criação de um fórum* de decisões compostas pelos *alunos representantes* com direito a voto (titular e suplente);

4. *função dos professores na qualidade de orientadores*, sem direito a voto na tomada de decisões do fórum;

5. definição entre os professores, sobre como seria a *organização temática* de suas aulas antes de chegar à realização dos II Jogos Internos;

6. redefinição dos *critérios e sistemática de avaliação* do processo.

Depois de apresentar esta proposta aos alunos de 3ª a 8ª séries, segundo avaliação da equipe, esta parece ter sido bem aceita pela grande maioria, sendo que, especialmente, no item participação obrigatória, houve muitas manifestações tanto contrárias quanto a favor.

Em relação as atividades competitivas que seriam promovidas do 3º período da pré-escola à 2ª série, a equipe decidiu manter o controle de toda a organização e execução do processo¹³.

Com estas ações concluídas, os professores de Educação Física da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, terminaram esta primeira fase de trabalho, com a expectativa de preparar os II Jogos Internos que aconteceriam em julho de 1994 e a possibilidade de criar novas ações pedagógicas, tomando sempre como referência as experiências acumuladas, os princípios ético-políticos estabelecidos e as regras de sua relação profissional desenvolvidas até o presente momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos aspectos fundamentais que este trabalho trouxe a tona, refere-se a tomada de consciência por parte dos professores da ESEBA-UFU, da importância do Planejamento Político-Pedagógico, através da reflexão de sua prática considerando sua análise através das diferentes vertentes de conhecimento que interferem na mesma. De que estas se encontram intimamente ligadas a necessidade do controle social exercido direta ou indiretamente sobre a população e de que a competição, enquanto atividade humana ligada a nossas práticas sociais, contribui, quando não trabalhada num campo de reflexão profunda, na reprodução ingênua de regras de ação que reforçam valores que tanto criticamos no dia a dia.

A busca de compreensão teórica do campo de experiência que vivemos cotidianamente, procurando fazer análises amplas e realistas de forma crítica e permanente, veio favorecer a retomada do interesse por parte de vários componentes da equipe pelo estudo e procura de aprofundamento de leituras que, sob uma ótica diferente, parecem apontar para a apresentação de propostas de ensino onde a formação social do sujeito deve torna-se um dos pontos importantes de sua programação.

A partir daí, a equipe passou a refletir sobre a possibilidade de incorporação de outras propostas pedagógicas como a implementação de oficinas, festivais, dentre outras, para manter a participação ativa e interessada dos alunos em busca de uma prática lúdica autônoma, solidária e cooperativa.

A constatação de que não podemos mais fundamentar nossa prática pedagógica esperando que apareçam pacotes prontos e acabados para resolver nossos problemas, significou para a equipe a retomada da valorização do potencial de cada componente do grupo, enquanto participantes ativos na construção de um projeto coletivo.

Em relação as crianças, verificamos pelo questionário aplicado, a constatação do esforço dos professores para tentar mudar o quadro que prevalecia antes da realização dos Jogos. Também observamos que, no início dos trabalhos, existia muita resistência para aceitar a possibilidade de discussão entre os alunos, pela provável falta de prática e visão imediatista que se tem do esporte.

Um alerta. O presente trabalho pretendeu resgatar a prática docente a partir do conhecimento adquirido progressivamente, seguido da procura de sua permanente crítica e transformação. Nosso desejo e dos professores de Educação Física da ESEBA-UFU é que esta experiência possa contribuir para a superação da prática da Educação Física escolar que insiste em manter e reproduzir a competição esportiva valorizando exclusivamente a busca do resultado entre as crianças, sem importar a forma como isso é alcançado.

Partimos do pressuposto de que, quando se procura a busca exclusiva do resultado, desrespeita-se a possibilidade de utilizar o esporte da escola para contribuir com a formação de cidadãos conscientes da importância de sua prática social e da necessidade de se inserir criticamente no interior das estruturas institucionais que, para nós, também devem ser fonte de conhecimento, para participar ativamente de sua transformação, pois elas também fazem parte da Cultura Corporal.

Finalmente, agradecemos aos professores da Escola, *Edilamar Rezende, Edson L. Kozan, Eliane V. Andrade, Elizabeth R. de Faria, Francisco E. Ferreira, Leandro Rezende e Maria de J. Mendonça*, autores e protagonistas efetivos do projeto, pelo interesse, confiança e força de vontade depositada para descobrir e buscar caminhos através do trabalho coletivo e solidário em benefício do desenvolvimento crítico dos seus educandos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, C. R. *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CASTELLANI FILHO, L. *Educação física no Brasil a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1991.
- CAVALCANTI, KATIA B. *Esporte para todos: um discurso ideológico*. São Paulo: Ibrasa, 1984.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- DIECKERT, JÜRGEN, ET. AL. *Elementos e princípios da Educação Física: uma antologia*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1985.
- GOHN, MARIA DA G.M. *A pesquisa em Ciências Sociais: considerações metodológicas*. In: Pesquisa participante e educação 12. São Paulo: Cortez Ed. Cadernos Cedes nº12. P.3-14, 1984.

GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPE-UFSM. *Visão didática da Educação Física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1991.

HILDEBRANT, R. & L., R. *Concepções abertas no ensino da Educação Física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.

LÜDKE, MENGA. *Avaliação institucional: formação de docentes para o ensino fundamental (as licenciaturas)*. Brasília: CRUB, 1994.

PALAFIX, G. *As Tendências pedagógicas em Educação Física e sua relação com as catego-*

rias idealista e materialista da História. Rev. Motrivivência. Sergipe. 6(4):30-35, setembro de 1993.

PALAFIX, G. *Implicações do processo ensino-aprendizagem escolar na construção da personalidade do educando*. Uberlândia, Rev. ESEBA/UFU. 1(1):43-49, 1995.

RODRIGUES, J.C. *Tabu do corpo*, Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SOBRAL, FRANCISCO. *Introdução à Educação Física*. Lisboa: Ed. Horizonte, 1981.

SECRETARIAS ESTADUAIS DO CBCE NA REGIÃO NORDESTE

1. ALAGOAS

Secretária: Profª. NEIZA DE L. F. NUNES
Endereço: Depto. de Educação Física - CSAU
Campus A. C. Simões - Tabuleiro dos Martins
Cep 57.072-970 - Maceió - AL
Fone (082) 322-2416

2. BAHIA

Secretário: Prof. PEDRO RODOLPHO JUNGERS ABIB
Endereço: Universidade Federal da Bahia - FACED
Departamento de Educação III
Av. Reitor Miguel Calmon, s/n
Cep 40.110-100 - Vale do Canela - Salvador - BA

3. CEARÁ

Secretário: Prof. JOSÉ OSMAR VASCONCELOS FILHO
Endereço: Universidade Estadual Vale do Aracurú
Av. da Universidade n. 850 - Cx. Postal D-3
Betânia - Sobral - CE
Fone (085) 611-2213

3. MARANHÃO

Secretário: Prof. AGRIPINO ALVES LUZ JÚNIOR
Endereço: Rua Belém, Q.05, C.12
Conj. Solar dos Luzitanos - IPEM/TURU
Cep 65.065-660 - São Luiz - MA
Fone (098) 226-2403

4. PARAÍBA

Secretário: Prof. PEDRO DE ALMEIDA PEREIRA
Endereço: Rua Rosa Lima dos Santos n. 89
Conj. dos Bancários
Cep 58.051-590 - João Pessoa - PB

5. PERNAMBUCO

Secretário: Prof. MARCELO TAVARES
Endereço: Universidade de Pernambuco - Escola Superior de Educação Física
Rua Arnóbio Marques n. 310
Santo Amaro - Campus Universitário
Cep 50.100-130 - Recife - PE
Fone (081) 423-6433 Fax (081) 423-6310

6. PIAUÍ

Secretário: Prof. SANTÍLIO ALVES DA COSTA FILHO
Endereço: Q.G. C-11 Conj Redenção
Cep 64.017-770 - Teresina - PI

7. RIO GRANDE DO NORTE

Secretária: Profª. TEREZINHA PETRÚCIO DA NÓBREGA
Endereço: Rua Esperantina n. 2439 - Panatis 1
Cep 59.108-150 - Natal - RN

8. SERGIPE

Secretária: Profª. SOLANGE LACKS
Endereço: Avenida Délia Franco n. 2850, Bloco M, Apto 504
Bairro Luzia - Aracajú - SE
Cep 49.048-010
Fone (079) 231-2449